


João Bosco relembra
seus sucessos no
Circo Voador




PÁGINA 3

#cm

2

FIM DE SEMANA



Os doces que se
'disfarçam' de frutas
estão com tudo

PÁGINA 16



Divulgação

A viola, o violeiro e o amor se tocam

Show da turnê 'Pai e Filho', que reúne pela primeira os virtuosos Almir e Gabriel Sater, chega ao Rio

Por **AFFONSO NUNES** | Tocando juntos na novela "Pantanal" (TV Globo) eles garantiram o cáculo de maior audiência do folhetim. Agora, Almir Sater e seu filho Gabriel dividem o palco na turnê "Pai e Filho", que chega nesta sexta-feira (28), às 21h30, ao Qualistage. No próximo ano ano a urnê chega aos Estados Unidos com apresentações em Boston e no icônico Carnegie Hall de Nova York, uma das casas de espetáculo mais prestigiadas do mundo. "Nós nunca pensamos fazer uma turnê juntos", admite Almir, que agora encara o projeto como continuidade natural de uma história construída com dedicação, talento e amor. O encontro da cordas desses dois violeiros fantásticos faz emergir o que existe de mais belo da música caipira, da poética do homem do campo, do Brasil profundo que os dois defendem com orgulho e talento. **Continua na página seguinte**

Pai e filho unidos por um misterioso peão violeiro

A turnê “Pai e Filho”, que estreou em 10 outubro e segue para os Estados Unidos no início de 2026, nasceu de uma aproximação inesperada durante a pandemia. A família inteira foi para o Pantanal, morar na fazenda de Almir na Serra de Maracaju (MS). Logo viria o convite para que pai e filho participassem do remake de “Pantanal”, a ser filmado por ali. Foi o começo de uma aproximação maior que, surpreendentemente, nunca havia se traduzido em trabalho conjunto.

No remake de 2022, Gabriel assumiu o papel que foi de seu pai na versão original, dando vida ao misterioso violeiro Xeréu Trindade, enquanto Almir interpretou o chalaneiro Eugênio. Os dois artistas tiveram cenas juntas na novela, incluindo um famoso duelo de violas que exigiu um mês inteiro de ensaios diários. Para Gabriel, “Pantanal” foi “o projeto com que mais sonhei, o que mais quis nessa vida”. Ele conta que quando soube do remake, começou a fazer orações diárias sonhando em fazer o teste para o papel. “‘Pantanal’ foi um divisor de águas na minha carreira, assim como foi na dele, mais de 30 anos. E foi uma situação muito feliz, porque nos aproximou ainda mais”, celebra.

Nascido em Campo Grande (MS), Almir Sater consolidou-se ao longo de mais de 40 anos de carreira como um dos maiores ícones da música regional brasileira. Violeiro virtuoso, cantor de voz inconfundível e ator reconhecido nacionalmente, sempre levou ao público os valores da simplicidade, da vida em comunidade profunda com a natureza e da sabedoria ancestral pantaneira com canções que evocam rios caudalosos, estradas de terra batida, boiadas sob o sol escaldante e causos contados ao pé da fogueira, elementos de uma cultura que ele ajudou a tirar do lu-

gar comum do folclore para colocá-la no centro da MPB. Com mais de 20 discos lançados, Almir recebeu o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música de Raízes em Língua Portuguesa por “Ar”, de 2016, gravado em parceria com Renato Teixeira.

Mas foi “Pantanal”, em 1990,

“‘Pantanal’ foi um divisor de águas na minha carreira, assim como foi na dele, mais de 30 anos”

Gabriel Sater

que ampliou definitivamente sua fama. Ao interpretar o peão violeiro Trindade na produção original da extinta TV Manchete, Almir viu sua viola caipira e seu rosto se tornarem quase símbolos daquilo que o interior brasileiro tem de mais típico, acolhedor e amado.

Logo após a novela, Almir comporia com Renato Teixeira “Tocando em frente”, canção eleita recentemente por júri especializado como a 72ª maior música brasileira dos últimos cem anos. “O mérito é todo do Renato, porque o que faz sucesso é a letra. Acho que a música embrulha, embala, mas a letra é que fixa”. Ele lembra que bastou cantar duas estrofes ao telefone para Maria Bethânia decidir gravá-la. “A Bethânia gravou ela maravilhosamente

bem, definiu a música, mas não fez com ela o sucesso que a música e que a Bethânia mereciam. Assim, todo mundo que gravava ia reforçando a música, e hoje em dia ela se firmou”, acredita.

Gabriel Sater, aos 43 anos, representa a geração que reconecta

“Em ‘Tocando em Frente’, o mérito é todo do Renato Teixeira, porque o que faz sucesso é a letra”

Almir Sater



Divulgação

essa tradição ao presente. Cantor, compositor versátil, instrumentista virtuoso, produtor musical e ator premiado, Gabriel não apenas herdou o sobrenome ilustre, mas também o talento musical e o carisma do pai. Sua inspiração vem da convivência desde a infância com uma família absolutamente musical. Em 2023, completou 23 anos de carreira, com seis CDs lançados, e recebeu uma indicação ao Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Raiz em Língua Portuguesa. Ele não substitui a raiz plantada pelo pai, ele a amplia, traduzindo para um público mais jovem aquilo que, há décadas, Almir vem preservando com dedicação obstinada. “Cresci como aquele filho fã mesmo, nos shows dele eu me arrepiava com aqueles solos de viola”, confessa Gabriel, que define o pai como “essa referência lendária em casa, que realmente mudou minha humilde vida”.

Questionado sobre seu papel na preservação das raízes musicais brasileiras, Almir é direto: “Olha, eu faço isso tudo por amor, por gosto, eu gosto disso. É igual a quando me perguntam: ‘por que que você mora no mato?’ Porque eu gosto. Por que eu toco viola? Porque da primeira vez que eu escutei uma viola, com aquele som meio de sitar, meio mântico, eu adorei. Não quero defender nenhuma bandeira, nada disso. É só prazer. Acho que, na música, o prazer vem na frente”, sintetiza o violeiro de 68 anos que segue tocando por paixão genuína, não por missão imposta.

SERVIÇO

ALMIR e GABRIEL SATER
Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
28/11, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 90

Cantor e compositor retorna ao Circo Voador após dez anos em show que passa sua vitoriosa carreira a limpo

Por Affonso Nunes

Quase uma década depois de sua última apresentação completa no espaço, João Bosco retorna ao palco do Circo Voador neste sábado (29) para um show que revisita uma trajetória de incontáveis sucessos ao longo de cinco décadas. Mas como o cantor e compositor não deixa se acomoda e segue ativo em estado de criação permanente, a apresentação reserva também espaço para faixas do disco “Boca Cheia de Frutas”, seu trabalho mais recente e que lhe rendeu o prêmio de Artista do Ano na 32ª edição do Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira. Representante da novíssima geração do samba carioca, Mosquito faz participação especial.

Tímido no convívio pessoal, o artista é um gigante nas apresentações ao vivo, com uma presença de palco e domínio técnico que hipnotizam plateias. Natural de Ponte Nova, no interior de Minas Gerais, construiu uma carreira sólida a partir da lendária parceria com o carioca Aldir Blanc (1946-2020). Canções como “O Bêbado e a Equilibrista” (hinho da resistência democrática durante os anos de chumbo), “O Mestre Sala dos Mares”, “Bala com Bala”, “Kid Cavquinho” e “Falso Brilhante” são sucessos incontornáveis.

Conhecido por sua técnica peculiar ao violão, João Bosco desenvolveu ao longo dos anos um estilo que mescla virtuosismo e musicalidade num estilo único que combina o dedilhado preciso da bossa nova com elementos percussivos



Sucesso, teu nome é João Bosco

João Bosco reúne banda de peso para revistar seus maiores sucessos e canções de sua safra mais recente

do samba, incorporando fraseados flamencos e harmonias complexas. A força de sua mão direita, capaz de criar batidas sincopadas e texturas rítmicas sofisticadas, faz do violão em instrumento de base e solo simultaneamente, uma orquestrar em seis cordas. Como intérprete, sua voz de timbre grave e uma dicção só sua completam o brilho de cada apresentação.

Acostumado a shows em voz e violão, desta vez o músico estará acompanhado por uma banda cuja formação reúne nomes estabelecidos da cena instrumental

brasileira: Ricardo Silveira (guitarra), Guto Wirtti (baixo), Kiko Freitas (bateria), Armando Marçal (percussão) e o maestro Cristóvão Bastos (teclados).

A noite terá também a estreia da Feirinha do Pavuna no Circo Voador. A roda de samba itinerante, que nasceu na Praça Copérnico, é liderada por Thauan El Pavuna transita entre clássicos consagrados e composições próprias, reunindo artistas que se autodenominam “Os Batuqueiros da Linha 2” e que buscam afirmar uma identidade autoral dentro da

tradição sambista carioca.

Antes e depois das apresentações musicais, Marcelinho da Lua assume as pick-ups do espaço. A programação coincide ainda com o lançamento da exposição “Enroscados”, da artista visual Angela Bosco, que ficará em cartaz por um mês. O trabalho desenvolvido durante o período de isolamento da pandemia, utiliza arame como matéria-prima principal. “Torci, entortei e enrosquei o ferro em curvas, espirais e dobras. Foi assim que consegui produzir pequenos objetos que apelidei de ‘enrosca-

dos’. Esta exposição tem um caráter emotivo para mim. Afinal, foi a Maria Juçá quem me convidou para exibir meus bonecos em papel marchê, pela primeira vez, no Circo Voador, muitos anos atrás”, conta a artista, mulher de João Bosco.

SERVIÇO JOÃO BOSCO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
29/11, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos esgotados

De São Gonçalo ao Grammy Latino, o trio Os Garotin leva sua black music abraqueirada ao palco do Vivo Rio

Por Affonso Nunes

Embalados pelo Grammy categoria “Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa” do ano passado, Os Garotin se apresenta nesta sexta-feira (28) no Vivo Rio, com ingressos esgotados. A apresentação integra a turnê do álbum “Os Garotin de São Gonçalo”. O grupo ganhou notoriedade com sua sonoridade que funde o melhor da black music, ou seja, R&B, soul e pop com molho brasileiro e periférico.

Essa estética musical bebe direto das fontes dos bailes black dos anos 1970 e 1980, combinando groove e swing com referências nostálgicas reinterpretadas à luz do novo século. Canções como “Curva Escura”, “Calor do Momento” e “Garota” se tornaram fenômenos virais e ganharam versões audiovisuais que ajudaram ainda mais a fortalecer a imagem do trio formado por Anchietyx, Cupertino e Leo Guima que soma milhares de plays e mais de 350 mil seguidores nas redes sociais.

A trajetória do grupo inclui participações em festivais como Doce Maravilha, Festival Sarará, Zepelim e Rock The Mountain, além de premiações nacionais. Os Garotin venceram o prêmio Potências! na categoria “Experimente” e foram finalistas na categoria “Brasil” do Prêmio

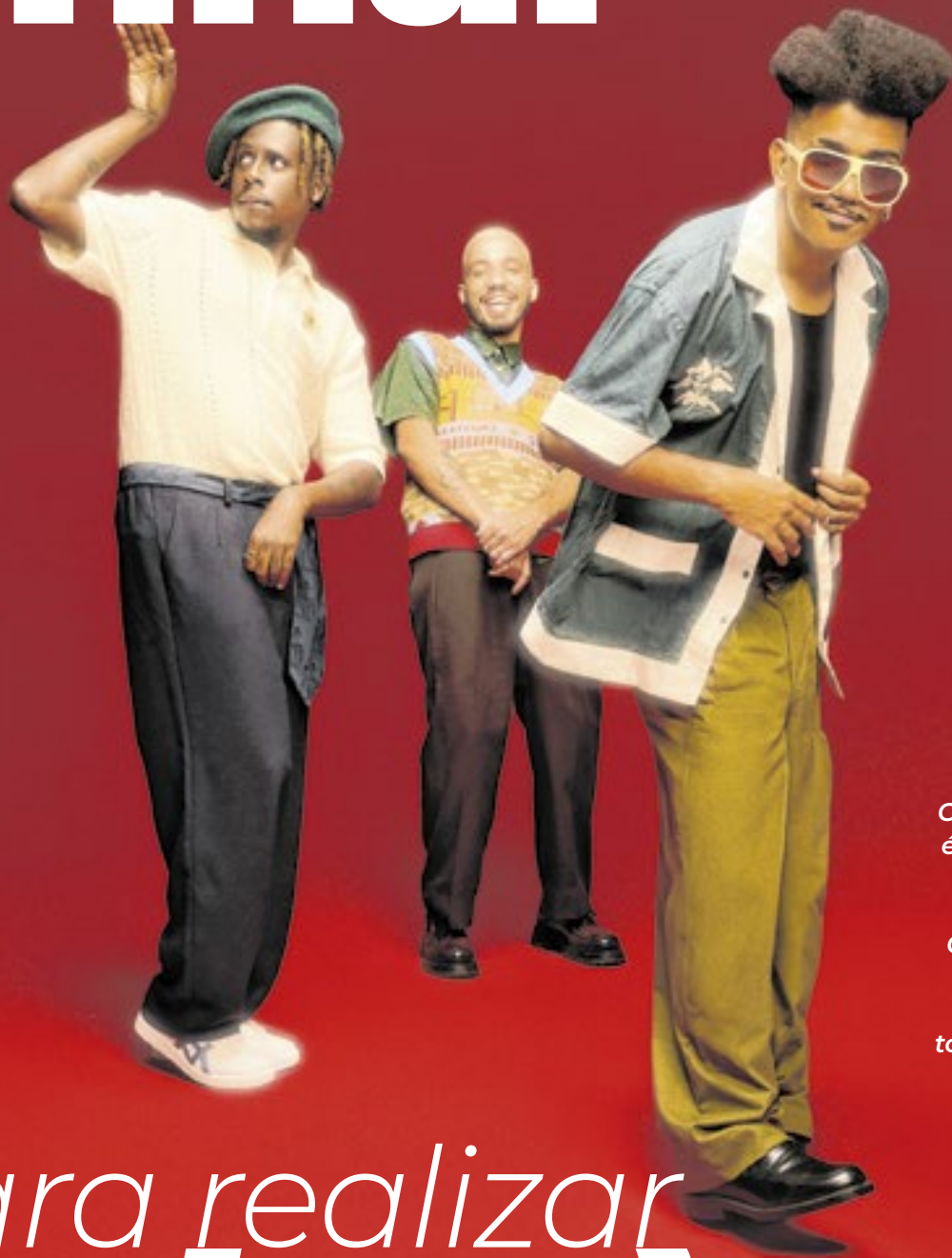
Multishow. No Grammy Latino, o trio acumulou três indicações, incluindo “Artista Revelação” e “Melhor Engenharia de Gravação”, ao lado do produtor Julio Raposo.

“Nós viemos de um lugar que é preciso ter muita ousadia para sonhar, quem dirá realizar os sonhos. Só temos a agradecer pelas surpresas da vida e por levar esse prêmio para São Gonçalo”, de-

clarou o grupo em postagem nas redes sociais após a vitória no Grammy.

Para 2026, o grupo já está debruçado em novos projetos e ampliação da agenda de shows.

Ousadia para sonhar



Os Garotin é formado por Anchietyx, Cupertino e Leo Guima, todos crias de São Gonçalo

(e para realizar sonhos)

SERVIÇO OS GAROTIN

Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 28/11, às 22h
Ingressos esgotados

O cello mais famoso do Brasil

Jaques Morelenbaum reúne 50 anos de trajetória ao lado do CelloSam3a Trio

Por Affonso Nunes

O violoncelista Jaques Morelenbaum sobe ao palco do Blue Note Rio nesta sexta-feira (28) às 20h, acompanhado pelo CelloSam3a Trio, formação que reúne também o violonista Lula Galvão e o percussionista Marcelo Costa. A apresentação marca um momento especial na carreira do músico, que completa cinco décadas de atuação profissional e uma trajetória com mais de 900 (!) álbuns gravados seja como instrumentista, arranjador ou produtor.

Projeto criado por Morelenbaum em 2014, o CelloSam3a Trio mescla bossa nova, samba e jazz em arranjos sofisticados que destacam a sonoridade singular do violoncelo na MPB. Em 2021, o trio lançou o álbum “Flor do Milênio”,



Divulgação

Jaques Morelenbaum colabora até hoje com grandes nomes da MPB

com composições autorais e releituras de mestres como Chico Buarque e Dorival Caymmi.

com composições autorais e releituras de mestres como Chico Buarque e Dorival Caymmi.

Entre os (muitos) reconhecimentos recebidos ao longo da carreira, Morelenbaum acumula o Grammy de World Music como produtor do álbum “Livro” de Caetano Veloso e o Grammy Latino de Melhor Disco de Música Brasileira por “Noites do Norte”, também de Caetano.

Filho do maestro Henrique Morelenbaum e da professora de piano Sarah Morelenbaum, Jaques iniciou sua jornada musical como integrante do grupo A Barca do Sol, antes de se tornar um dos mais requisitados violoncelistas e arranjadores da música brasileira. Sua passagem pela Nova Banda de Antônio Carlos Jobim lhe rendeu um Grammy pelo álbum “Antônio Brasileiro”.

Morelenbaum construiu um extenso currículo de colaborações que engloba nomes fundamentais da MPB como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Egberto Gismonti, Gal Costa, Milton Nascimento e Chico Buarque, atuando em diversas frentes do mercado fonográfico.

SERVIÇO

JAQUES MORELENBAUM E CELLOSAM3A TRIO

Blue Note Rio (av. Atlântica, 1910, Copacabana, Rio de Janeiro)

28/11, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 60

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Parodiando

Reis da paródia política nas redes, Edu Krieger e Natalia Voss apresentam o espetáculo “Versos e Versões” neste sábado (29), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. O show utiliza paródias de canções da MPB, pagode e pop para abordar temas do cotidiano, como relações familiares, trabalho remoto, tecnologia e questões sociais e, a cada apresentação, novas paródias são incorporadas ao espetáculo.



Divulgação

Divulgação



Lançamento

A cantora e compositora Daíra apresenta o show de lançamento do disco “Nada de Se Matar ou Morrer de Amor” nesta sexta (28), às 22h30, no Blue Note Rio. A artista estará acompanhada por Lukas Pessoa (teclado), Gabriel Vinicius “Gabirote” (violão), Breno Trash (guitarra), João Monteiro (baixo) e Theo Amorim (bateria). O repertório traz arranjos que combinam elementos da MPB com sonoridades urbanas.

Diferentes fases

A cantora Anna Ratto se apresenta neste domingo (30), às 18h, no Manouche. O show traz um repertório que mescla diferentes fases da carreira da artista, incluindo suas versões para canções de Arnaldo Antunes, composições autorais e regravações. Anna estará acompanhada por Elisio Freitas (guitarra), Antonio Dal Bó (teclado), Jorge Ailton (baixo) e Estevan Barbosa (bateria), além de participações especiais.



Elisa Bezerra/Divulgação

CRÍTICA / TEATRO / AOS SÁBADOS

Memórias delicadas

Por Cláudio Handrey

Especial para o Correio da Manhã

O Alzheimer é uma doença degenerativa do cérebro, que compromete progressivamente as funções cognitivas como perda de memória, raciocínio, produzindo ao paciente apatia, depressão, irritabilidade... e é sobre isso que o texto de Adyr de Paula ocupa-se com extrema delicadeza. Numa respiração tchekhoviana, retratando a vida comum, com tristezas e frustrações, o dramaturgo alcança êxito ao conceber uma escrita repleta de variações sobre o tema e a família de uma mãe com três filhas, imbuídas de amor e conexão, que levam a vida comum até o surgimento de sintomas neuropsiquiátricos. De Paula explora humor na convivência doméstica, o que atenua a gravidade temática, instituindo com sabedoria momentos poéticos como a fala da filha quando a mãe insiste em tomar banho sozinha: “Pensa que



Divulgação

‘Aos Sábados’ mostra que o amor é capaz de reconectar

você está numa cachoeira, lavando a alma”.

No entanto, Danilo Salomão levanta uma montagem sem teatralidade, exacerbando-se em marcas fixas, em que acomoda as atrizes por muito tempo no sofá e volta a repetir na segunda parte quando as mesmas permanecem na poltrona. Há um excesso de naturalismo, pouco dinamismo, sobre os quais o espetáculo priva-se de cores. Deter-

minar um caminho realista equipara-se à dramaturgia, mas ausentar-se das especificidades teatrais é perigoso.

As atrizes encontram uma perfeita contracena. Experientes, Nedira Campos e Helga Nemetik abrilhantam o palco. Campos trafega com força dramática e entendimento sua Jandira, matizando com eficiência a personagem, que desagua em emoções. Neme-

tik, além de possuir ótimas expressões vocais/corporais, abusa adequadamente da comediante que é, desvelando encanto e teatralidade cênica. Laura Proença, um pouco menos teatral, segue um percurso convincente em sua Regina.

André Sanches ambienta o palco com um mobiliário adequado à proposta, numa conexão de época. O figurino de Fernando Vieira auxilia na coloração cênica, dando vida às personagens. A luz de Rogério Wiltgen sobressai-se inundando a cena de magia, com elipsoidais que favorecem dinâmica e contribuem para a dramaticidade. E a trilha excelente de Marcelo Alonso Neves invade nossa audição com “Rock and Roll Lullaby”, “Just The Way You Are”, além de “Lady in Red”, inspirando o momento de dança com a matriarca. “Aos sábados” nos faz refletir que devemos sempre amar e acolher nossos amores, que desconectam sem querer.

SERVIÇO

AOS SÁBADOS

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 31/12, terças e quartas (20h)

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Cacá Bernardes/Divulgação



Diálogos impossíveis

O Teatro Laura Alvim apresenta até domingo (30) “O Homem Decomposto”, texto do romeno Matéi Visniec com direção de Ary Coslov. A montagem reúne histórias curtas que retratam personagens incapazes de estabelecer diálogo, recorrendo a mecanismos progressivamente complexos de isolamento mútuo. A obra utiliza humor e elementos do teatro do absurdo para abordar a incomunicabilidade nas relações contemporâneas. No elenco, Dani Barros, Guida Vianna, Júnior Vieira, Marcelo Aquino e Mario Borges.

Nil Caniné/Divulgação

Memórias partilhadas

Juntos no palco pela primeira vez, Tony Ramos e Denise Fraga apresentam “O Que Só Sabemos Juntos” no Teatro Riachuelo até domingo (30). O espetáculo, com direção geral de Luiz Villaça, propõe uma reflexão sobre memórias compartilhadas e experiências individuais. Em cena, os atores exploram narrativas pessoais e coletivas, abordando temas como escuta, percepção do outro e conexões humanas. A montagem investiga como experiências cotidianas - desde cheiros de infância até preferências domésticas - formam um alfabeto comum entre pessoas.



Bernardo Ventura/Divulgação



Domingos sempre!

“O Teatro tem o tamanho da vida”, disse certa vez o ator, dramaturgo, cineasta e poeta Domingos Oliveira (1935-2019). Tendo essa frase como mote, uma turma de 13 jovens atores mergulhou na obra desse grande multi-artista brasileiro para montar o espetáculo “Aos Domingos”, com direção de Marcos França. Junto com o diretor, o grupo construiu a dramaturgia baseada em diferentes obras da trajetória de Domingos Oliveira. A peça faz três últimas apresentações sexta a domingo (28 a 30) no terraço da Sede da Cia. dos Atores, na Lapa.

Praia & serra & hotéis sesc RJ & VOCÊ

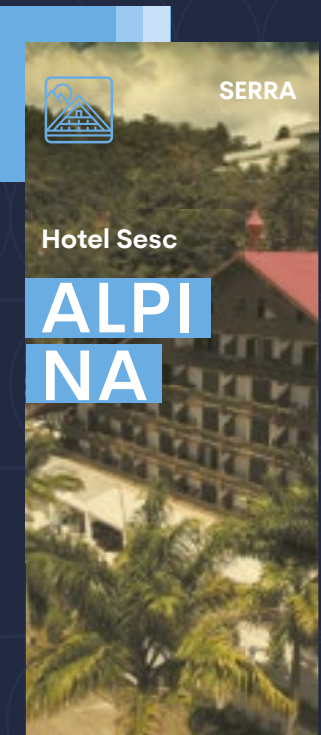
Aqui, o final
do ano vira
o começo
de grandes
memórias.

**PACOTES ESPECIAIS
DE NATAL, RÉVEILLON
E CARNAVAL**

EM ATÉ 10x SEM JUROS.

Escolha seu destino e viva
uma experiência incrível.

Reservas abertas em 24/11/2025.



Leia o QR Code
e prepare sua viagem
de fim de ano.



Reservas: (21) 4020-2101



@sescrj



Divulgação

SHOW

CARLOS MALTA

*O multi-instrumentista, compositor e arranjador abre a celebração dos 50 anos de carreira e o relançamento nas plataformas digitais de seu primeiro álbum solo “O Escultor do Vento”, uma obra-prima de nossa música instrumental. Participação especial do violonista e compositor Guinga. Sex (21), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, mediante 1 kg de alimento não-perecível ou livro para doação

RODRIGO SHA e MAURÍCIO PESSOA

*O saxofonista e o pianista apresentam o show “Sha Plays Getz & Pessoa Sings Gilberto”, numa referência ao premiado álbum de Jazz e Bossa Nova “Getz/Gilberto” (1964). Sex (28), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87 - Flamengo. R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60

SOPHIA ARDESSORE

*A cantora e compositora paulistana apresenta o show “Desatracar: Do Porto à Nascente”, que reúne composições de Vidal Assis, Joyce Moreno, Filó Machado e da própria artista. Sex (28), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde Silva, 55 - Botafogo). A partir de R\$ 25

DANILO FIANI CANTA GEORGE

*O cantor e guitarrista carioca e banda prestam tributo a George Harrison, o mais discreto (e não menos genial) integrante dos Beatles. Sáb (29), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87 - Flamengo. R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60

DANÇA

ÁGUA DE MENINOS

*Após mais de duas décadas sem criar uma coreografia, Dalal Achcar assina o espetáculo em parceria com Éric Frédéric, seu maître du ballet, a partir de partitura encomendada ao amigo Tom Jobim há mais de 60 anos. Vinte e um bailarinos narram esse diálogo entre Rio e Bahia, entre a Ipanema dos anos 1960 e o bairro soteropolitano que batiza a obra. 28/11, 4 e 5/12 (20h30), 29/11 e 6/12 (16h e 20h30) e 30/11 e 7/12 (16h). Cidade das Artes Bibi Ferreira (Avenida das Américas, 5300 - Barra da Tijuca). Entre R\$ 50 e R\$ 25 (meia) e R\$ 140 e R\$ 70 (meia)



Carlos Malta

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Água de Meninos

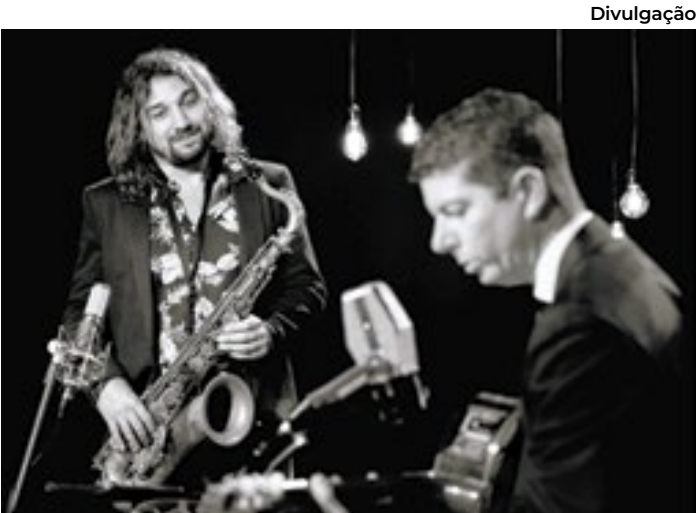
TEATRO

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

*Du Moscovis mostra neste solo o ténue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A SABEDORIA DOS PAIS

*Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro em montagem de texto inédito e direção de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor durante a maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



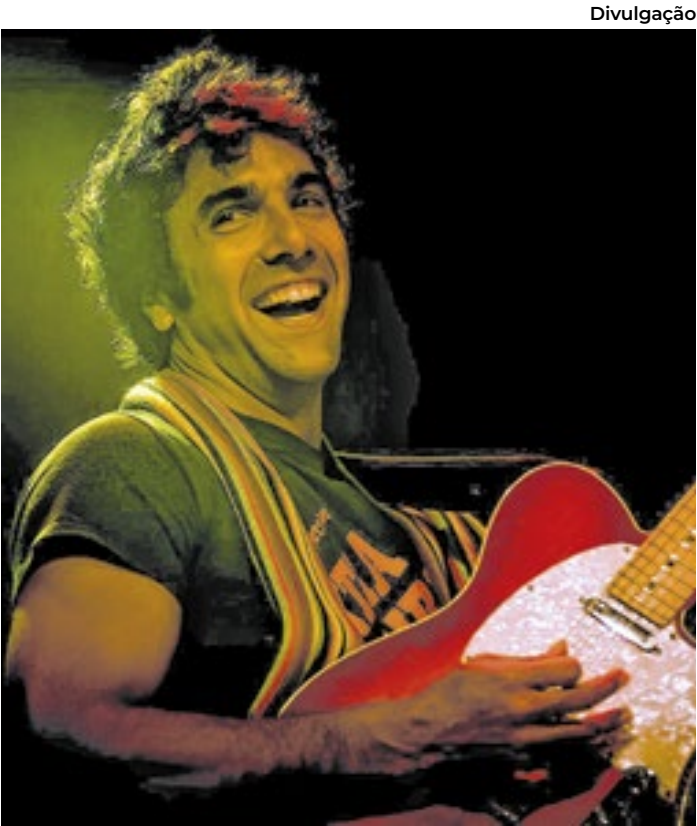
Rodrigo Sha e Maurício Pessoa



O Formigueiro



Cacá Mourthé



Danilo Fiani



Bluey Ao Vivo - Diversão em Família!

LAURA

*Solo biográfico, criado e interpretado por Fabrício Moser, reconstrói a história de sua avó materna, assassinada em 1982 em Cruz Alta (RS). Até 28/11, qui e sex (19h30). Sala Murilo Miranda (Teatro Glauce Rocha - Av. Rio Branco 179, 8º andar). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

O FORMIGUEIRO

*Comédia dramática que acompanha três irmãos reunidos para preparar almoço de aniversário da mãe diagnosticada com Alzheimer. O texto de estreia de Thiago Marinho equilibra riso e lágrima ao explorar como a doença transforma dinâmicas familiares. 28/11, às 20h. Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

SELVAGEM

*Entre o real e o virtual, um jovem tenta sobreviver à violência invisível que domina as redes sociais neste monólogo com atuação de Felipe Haiut. 29/11, às 20h. Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO

FRANS KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

*Mostra repune 38 trabalhos do pintor e escultor polonês que, já nos anos 1970, denunciava de forma contundente os riscos ambientais do planeta. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

O UNIVERSO LÚDICO E CRIATIVO DE DENEIR MARTINS

*Exposição reúne 40 anos de uma criação de peças com materiais descartados. Até 3/12, ter a sex (10h às 18h) | sáb e dom (11h às 17h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

IRIDIUM

*A ceramista Débora Mazloum apresenta suas "cerâmicas paramagnéticas", criadas a partir de misturas de materiais como argila, metais ferrosos e magnetita. De 15/11 a 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirá (Rua do Mercado, 45 - Centro). Grátis

INFANTIL

DRUMMOND PARA CRIANÇAS

*Ao ter que brincar dentro de casa com seu pai, o menino José descobre um livro antigo num baú velho no porão. A partir dessa descoberta, os dois embarcam no mundo da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Até 6/12. Sáb e dom (11h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jd. Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

BLUEY AO VIVO - DIVERSÃO EM FAMÍLIA

*Experiência imersiva que transporta o público diretamente para o coração da família do simpático cãozinho Bluey um sucesso do YouTube. Até 30/11, sáb e dom (11h e 15h). Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). Entre R\$ 50 e R\$ 240

UM DIA DE CIRCO

*Idealizado por Guga Morales, o evento apresenta oficina, roda de conversa e cortejo seguido de espetáculo com números de malabarismo, mágica e palhaçaria. Sáb e dom (29 e 30), a partir das 17h. Aterro do Cocotá (Parque Manuel Bandeira, Praia da Olaria - Ilha do Governador). Grátis

PLUFT, O FANTASMINHA

*A diretora artística do Teatro O Tablado, Cacá Mourthé, convida os pequenos e pequenas para uma tarde de autógrafos e contação de história do livro "Pluft, O Fantasminha: para pequeninhos", que ganha uma nova edição pela editora Nova Fronteira. Sáb (29), às 15h. Livraria Travessa (Shopping Leblon - Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - loja 205 A). Grátis



O Festival de Marrakech encerra a temporada mundial de festivais apresentando potenciais candidatos ao Oscar de Filme Estrangeiro

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

MARRAKECH ABRIRÁ suas telas para cineastas de verve autoral a partir desta noite, ao acolher um thriller de Gus Van Sant com Al Pacino, “63 Horas de Pânico” (“Dead Man’s Wire”), como longa-metragem de abertura da 22ª edição de sua maratona cinéfila anual. Dela constam 82 títulos de 31 países, além de masterclass do pernambucano Kleber Mendonça Filho. Ele fala por lá neste sábado, no calor da acolhida mundial para “O Agente Secreto”, que já vendeu 850 mil ingressos em nossas salas de projeção.

Para se ter uma ideia da pompa que o evento criado em 2001 promete este ano, o sul-coreano Bong Joo Ho, o oscarizado diretor de “Parasita” (Palma de Ouro de 2019), estará na presidência do júri, que tem o realizador cearense Karim Aïnouz (de “Motel Destino”) como jurado. A programação está repleta de potenciais concorrentes ao Oscar de 2026 - como “Hamnet”, de Chloé Zhao - fazendo parte de uma tradição histórica daquele recanto da África árabe, que sempre atizou o imaginário de grandes estúdios planeta adentro. Ocupado de hoje até o dia 6 de dezembro com o que promete ser um dos maiores festivais de cinema de 2025, o Marrocos cede seu território para sets de filmagem desde 1897, quando emissários dos Irmãos Lumière estiveram por lá.

Até o fim da II Guerra muitos filmes

Pra lá de Marrakech



Nos ‘finalmentes’ do circuito anual dos festivais de cinema, o Marrocos põe uma leva de potenciais oscarizáveis, incluindo Kleber Mendonça Filho, numa maratona audiovisual

Divulgação



‘Calle Málaga’, de Maryam Touzani, com a diva espanhola Carmen Maura, é prata da casa

Divulgação



Carole Bouquet no elenco de ‘Behind The Palm Trees’, um dos concorrentes à Estrela de Ouro de 2025



O tunisiano 'Paradise Prometido' é outro concorrente à Estrela de Ouro



Al Pacino em '63 Horas de Pânico', de Gus Van Sant, que abre os trabalhos no festival marroquino

estrangeiros foram rodados nos limites de suas fronteiras, especialmente na região de Ouarzazate, embora o título historicamente mais famoso a abordar sua geografia, “Casa-blanca” (1942), com Humphrey Bogart, seja uma produção captada em estúdios hollywoodianos. Muito do que se fazia lá, com o rótulo de “filme marroquino”, era uma xerox do cinemão melodramático do Egito, sem identidade própria. Tudo mudou em 1970, quando o diretor Hamid Benani, hoje com 85 anos, filmou “Wechma” (também chamado de “Traces”), que inaugurou uma estética sintonizada com a cultura daquela pátria. Começou ali uma primavera cinematográfica que fez florescer cults de repercussão internacional como “Les Mille Et Une Mains” (1973), “El Chergui” (1976), o mítico documentário “Trances” (1981), “Amok” (1983), “Badis” (1988), “La Plage Des Enfants Perdus” (1991), “Quand Le Soleil Fait Tomber Les Moineaux” (1999) e “Marock”, ímã de aplausos para a diretora Laïla Marrakchi, em

CONCORRENTES À ESTRELA DE OURO DE 2025

- ***“AISHA CAN’T FLY AWAY”** (Egito), de Morad Mostafa
- ***“AMOEBA”** (Singapura), de Siyou Tan
- ***“BEHIND THE PALM TREES”** (Marrocos), de Meryem Benm’Barek
- ***“VOZES RACHADAS”** (“Broken Voices”, República Tcheca), de Ondrej Provaznik
- ***“FIRST LIGHT”** (Austrália), de James J. Robinson
- ***“FORASTREA”** (Espanha), de Lucía Aleñar Iglesias
- ***“ISH”** (Reino Unido), de Imran Perretta

- ***“LAUNDRY”** (África do Sul), de Zamo Mkhwanazi
- ***“MEMORY”** (Holanda), de Vladlena Sandu
- ***“MY FATHER AND QADDAFI”** (Líbia), de Jihan K
- ***“A SOMBRA DO MEU PAI”** (“My Father’s Shadow”, Nigéria), de Akinola Davies Jr.
- ***“PARAÍSO PROMETIDO”** (“Promised Sky”, Tunísia), de Erige Sehiri
- ***“STRAIGHT CIRCLE”** (Reino Unido), de Oscar Hudson

Cannes, em 2005.

As gerações que brotaram na década de 1970 deram frutos e inspiraram vozes auto-raias como Maryam Touzani, badalada por “O Caftan Azul”, de 2022, e “Calle Málaga”, com a espanhola Carmen Maura. Esse drama romântico venceu o Festival de Mar Del Plata há duas semanas, botou o Festival do Cairo no bolso, e agora se prepara para brilhar em seu lar. Ela é parte da esquadra marroquina que faz de Marrakech um evento estratégico. Tanto que há 15 filmes confeccionados lá em diferentes latitudes. A seção chamada Panorama Marrocos, por exemplo, traz candidatos a bilheterias polpudas, como “Five Eyes”, de Karim Debbagh, e “Porte Bagage”, de Abdelkarim El-Fassi.

Inaugurado há 24 anos numa iniciativa do Rei Mohammed VI para fomentar intercâmbios culturais, a festa marroquina do cinema se articula com festivais do Cairo, de El Gouna e do Mar Vermelho a fim de mobilizar olhares (e mercados produtores e exibidores)

do norte da África e do Oriente Médio. Em 2018, Robert De Niro foi homenageado lá e ganhou uma festa com direito a cupcakes decorados com o seu rosto esculpido no glacê.

Nesta 22ª edição, haverá tributos ao diretor mexicano Guillermo Del Toro (com projeção em telona e seu “Frankenstein”, já na Netflix) e à atriz americana Jodie Foster, com exibição de “Vida Privada”, de Rebecca Zlotowski. A atriz marroquina Raouya e o ator egípcio Hussein Fahmy, presidente do já citado Festival do Cairo, serão homenageados também.

A competição oficial que Bong Joon Ho e Karim vão julgar - cujo troféu é a Estrela de Ouro - conta com 13 competidores de peso. Atrizes famosas como Jenna Ortega (a Wandinha da Netflix) e Anya Taylor-Joy serão juradas lá também, assim como as cineastas Julia Ducounau e Celine Song, o diretor Hakim Belabbes e o ator Payman Maadi. Um dos destaques da disputa é “Paraíso Prometido” (“Promised Sky”, Tunísia),

de Erige Sehiri, projetado no Festival do Rio, há um mês. Há uma forte expectativa também em torno de “Behind The Palm Trees”, por Meryem Benm’Barek, que tem a francesa Carole Bouquet (coqueluche do James Bond Roger Moore em “007 – Somente Para Seus Olhos”) no elenco.

O filé de Marrakech é a seção Horizontes, que apresenta 19 filmes contemporâneos (muitos deles cotados para as estatuetas douradas de Hollywood) que traçam um panorama do cinema mundial. Por lá vão estar medalhões como Claire Denis (“A Cerca”), Ildikó Enyedi (“A Amiga Silenciosa”), Jim Jarmusch (com o ganhador do Leão de Ouro “Pai Mãe Irmã Irmão”), Richard Linklater (“Nouvelle Vague”), Park Chan-wook (“No Other Choice”) e Jafar Panahi, que exibe o ganhador da Palma de Ouro, “Foi Apenas Um Acidente”.

Na seção 11º Continente, dedicada a autoridades planetárias, entra em campo a argentina Lucrecia Martel com o ensaio documental “Nuestra Tierra”, sobre o assassinato do líder indígena Javier Chocobar. Ao lado dela está o galego Oliver Laxe, com “Sirât”, que representa a Espanha na caça às estatuetas da Academia de Hollywood.

O encerramento será no dia 6, com a projeção do épico “Palestina 36”, de Annemarie Jacir. Seu enredo se passa em 1936 e Jeremy Irons é um dos astros em seu elenco, que traz ainda Hiam Abbas. Mais famosa estrela palestina, ela deu uma recente masterclass no Festival do Cairo para falar de destrezas estéticas em prol de embates éticos na fricção entre a tela grande e os fronts bélicos. Promete repetir sua militância em Marrakech. Amparado no talento de Hiam e de Irons, o filme de Annemarie Jacir mostra que, na segunda metade dos anos 1930, vilarejos por toda a Palestina se insurgem contra o domínio colonial britânico. Na ocasião, Yusuf (Karim Daouad Anaya), que tenta construir sua vida para além dessa crescente agitação, se vê dividido entre sua casa na região rural e a inquietude de Jerusalém. Mas a História é implacável. Com o aumento do número de imigrantes judeus fugindo do antissemitismo na Europa e a população palestina se unindo na maior e mais longa revolta contra os 30 anos desse domínio colonial, tudo parece se encaminhar em direção a um conflito inevitável, em um momento decisivo para o Império Britânico e o futuro de toda a região.

Esse é o tipo de painel geográfico que injeta nitroglicerina política - e também poética - no Festival de Marrakech, que almeja, uma vez mais, provar que sua grade de filmes é a maior diversão.

ENTREVISTA / PEDRO ANTONIO, CINEASTA

'O riso vem do olhar do querer, não do olhar do poder'

Daniel Chiacos/Divulgação



Uma família brasileira sem ranços moralistas em 'Um Tio Quase Perfeito 3'

Camila Maia/Divulgação



A comédia queer 'Agentes Muito Especiais' tem estreia prevista para janeiro

Divulgação



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Com blockbuster no currículo ("Tô Ryca", visto por 1,1 milhão de pagantes há quase dez anos) e uma série de sucessos nas franjas do pop (entre eles, "Evidências do Amor", com Fábio Porchat e Sandy), Pedro Antonio está de volta a uma franquia que redefiniu a representação da "família brasileira", cantando pra subir a sancha moralista que agrilhouou tornozelas conservadoras em nossos lares. "Um Tio Quase Perfeito", que encheu salas em 2017 e emplacou uma Parte Dois muito bem prestigiada pelo nosso público em plena pandemia, em 2021, ganha agora um terceiro filme.

Marcus Majella volta ao papel do Tio Tony, que o consagrou

na telona como um campeão da alegria. Ele e o cineasta carioca estão juntos também em no thriller cômico queer "Agentes Muito Especiais", com o bamba da risada Pedroca Monteiro no rolê. Essa estreia, oriunda de uma ideia de Majella e do santo padroeiro da gargalhada Paulo Gustavo (1978-2021), ficou para 8 de janeiro. No caminho, o realizador dá conta da terceira peripécia cinematográfica do tio Tony. O Correio da Manhã foi no set, no Grajaú, papear com a direção.

O roteiro é de Sabrina Garcia, de Rodrigo Goulart e do próprio Pedro Antonio, que é filho da produtora Gláucia Camargos e do diretor Paulo Thiago (1945-2021).

"Um Tio Quase Perfeito 3" foi gestado pela Arpoador Audiovisual, em coprodução com a H2O Produções e Sony Pictures Inter-

national Productions. A distribuição é da H2O Films. A Sony Pictures é codistribuidora. Na trama, Tony (Majella) sente falta dos sobrinhos, que, fora do ninho, estão mais independentes, fazendo planos para férias que não envolvem o titio. Patrícia (Julia Svacinna) planeja estudar no Pantanal. João (João Barreto) pretende fazer um filme. Valentina (Soffia Monteiro) busca um curso de dança em Minas Gerais. Tony segue como professor de Teatro na escola, mas uma nova criança chega para bagunçar a sua rotina: um bebê, que é deixado na porta de sua casa.

No papo a seguir, Pedro Antonio esquadrinha a dimensão humorística dessa premissa.

Sua franquia mudou o lugar de representação simbólica do tio na família brasileira. O que

é ser tio numa cultura como a nossa?

Pedro Antonio - Um tio entra onde os pais por vezes faltam. Essa figura cumpre a função da irresponsabilidade afetiva, uma vez que não tem a obrigação de educar. Ele quer que os/as sobrinhos/as sejam felizes. O Tony tem a frase "É coisa que morre? Não? Então pode fazer". Não se esqueça de que a nossa cultura celebrou "As Tias", a peça lendária do Mauro Rasi. A gente teve também o Tio Maneco do Flávio Miggliaccio. O que buscamos na imagem do Tony é o tio moderno... aquele que se vira e vive o mundo real. Não é o "tio do pavê".

Esse tio singular que você e Marcus Majella consolidaram abriu a deixa para ampliar um filão chamado family film, em terras nacionais, falando com as

crianças também. Que dimensão infantojuvenil existe nessa cinesérie do Tio Tony?

Sou formado em palhaçaria. O palhaço não inventa piada, ele descobre a piada. A medida do humor infantil é o humor do clown: é descoberta. Fazer um filme que também fale para a criança é não perder de vista o olhar sobre as mães e os pais. Eu faço graça, mas preciso saber ser triste numa medida que jamais tire a leveza.

Quais são as dificuldades de se fazer comédia hoje, sob as patrulhas morais da atualidade?

Para fazer comédia, é necessário um senso de observação do mundo. O riso vem do olhar do querer, não do olhar do poder. Nos novos tempos, o que aumentou foi o senso crítico em torno do 'eu posso' e, portanto, certas violências simbólicas que se praticavam antes, às vezes sem serem percebidas, acabaram... ou estão sob alerta. Eu busco um tipo de comédia onde a graça vem do dia a dia, onde o violento é a dificuldade de sobreviver que nos cerca. A risada que eu busco está a serviço da afetuosidade.

Que estética da afetuosidade de se forjou entre você e Marcus Majella?

O que é ser um protagonista? É correr uma maratona, entendendo e sabendo valorizar as cenas heroicas, preservando as autoridades... a do intérprete e a do diretor. O Majella corre essa maratona comigo. Quando trabalham juntos muitas vezes, artistas formam uma amizade e, sobretudo, cumplicidade. É o que eu mais valorizo. Ele executa tudo de que eu preciso com consciência, com um jeito próprio muito especial.

Existe um Tio Tony na sua vida?

Meu Tio Ricardo. Esse cara preencheu uma alegria na minha infância. Músico e arquiteto, ele me ensinou a gostar de futebol. Eu sou um filho para ele. E ele é um pai pra mim.

CRÍTICA / CINEMA / O SEGREDO DA CHEF

O abre-alas de Cannes chegou, e é uma delícia

FESTIVAL
DE CINEMA
FRANÇÊS
DO BRASIL
2025

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Inaugurado em edições passadas por blockbusters charmosos (“O Grande Gatsby”), versões de livros cultuados (“Ensaio Sobre a Cegueira”, de Fernando Meirelles, em 2008) e animações da Disney (“Up - Altas Aventuras”), Cannes abriu seu festival de número 78, em maio deste ano, com a prata da casa: uma produção francesa “pequeninha”, sem estrelas AA, sem tema polêmico e sem chamarizes evidentes. “Partir Un Jour”, que chega ao Rio neste fim de semana, na grade do Festival do Cinema Francês no Brasil (o ex-Varilux) pode ser chamado

de “delicinha” – com gosto.

É comédia, é romance, é musical, é um filme (muito) bem atuado, é uma produção redondinha na edição. Suas ambições estéticas se resumem, na aparência, a evocar a tradição dos filmes cantados europeus dos anos 1960 (sobretudo os de Jacques Demy, o mestre do filão), abrindo um debate sobre ânsias do amor na contemporaneidade. Tem uma atriz em estado de graça (Juliette Armanet) e uma diretora estreante em longas de ficção: Amélie Bonnin. Quando se listam os títulos de abre-alas da Croisette nesta década, com exceção do também musicado “Annette”, de Leos Carax, Amélie entregou à Côte d’Azur um bombom daqueles que a gente compra no ônibus com o troco da passagem. Não é nada que fique pra posteridade do paladar, mas caiu muito bem no sistema digestivo do cinemão, seis meses atrás, sobretudo rente ao pavoroso “O Segundo



Divulgação

O longa tem Juliette Armanet em estado de graça

Ato”, de Quentin Dupieux, exibido na arrancada de Cannes em 2024, ou “Coupez!”, de Michel Hazanavicius, projetado lá em 2022. A carreira comercial da produção também foi eficaz, com 650 mil ingressos vendidos.

Com exibição agendada para este sábado, às 17h, no Estação NET Rio, “O Segredo da Chef” é uma mistura da série culinária “O Urso” (“The Bear”) com o Demy

de “Guarda-Chuvas do Amor”, ganhador da Palma de Ouro de 1964 (só que um tantinho mais comedido com cores e o mel). Um clima à la “MasterChef” se instaurou em Cannes em suas passagens gastronômicas. No início da trama, a mestre-cuca Cécile (papel de Juliette) está prestes a realizar seu sonho de abrir seu próprio restaurante gourmet. Sua vida afetiva com o namorado é rotineira, mas tem tesão. Em

meio a um teste de gravidez, que dá um assustador positivo, ela recebe a notícia de que precisa retornar ao vilarejo de sua infância pois seu pai sofre um ataque cardíaco. Longe da agitação de Paris, ela reencontra seu amor de infância, com quem estudou. Suas lembranças ressurgem e suas certezas vacilam conforme a panela de pressão de sentimentos ferve à máxima temperatura.

Com experiência na direção de TV e de documentários, Bonnin consegue ser econômica não apenas na paleta com que o diretor de fotografia David Cailley colore quadro após quadro. Suas sequências de cantoria não têm coreografias sofisticadas, nem corais pela rua, nem efeitos visuais. São apenas quebras do realismo, que aliviam o azedume de sua crônica sobre escolhas e revisões de um outrora mal resolvido. Seu conflito é trabalhado com leveza e canções saborosas, em especial a letra que dá título à fita. A evocação ao clássico “Paroles Paroles”, de Dalida, é um mimo à parte.

Tem sessões de “O Segredo da Chef” na segunda - às 15h45, no CineCarioca José Wilker; às 15h50, no Est. Gávea; e às 15h55, no Cinesystem - e dia 8, às 16h20, no Estação NET Rio.

IGUARIAS FRANCESAS

POR **R O D R I G O F O N S E C A**

Eu, Que Te Amei

EU, QUE TE AMEI (“Moi, Qui Te Amais”), de Diane Kurys: Simone Signoret (1921-1985) e Yves Montand (1921-1991) foram o casal mais famoso de seu tempo. Assombrada pelo caso de seu marido com Marilyn Monroe e ferida por todos os que vieram depois, a atriz repensa seu querer. Marine Fois e Rochdy Zem interpretam esse duo de ídolos europeus com esplendor. Sexta (28) no Cinesystem Belas Artes, 14h.



13 Dias, 13 Noites

13 DIAS, 13 NOITES (“13 Jours, 13 Nuits”), de Martin Bourboulon: Cabul, 15 de agosto de 2021. Enquanto as tropas americanas se retiram, os Talibãs tomam a capital. Milhares de afegãos buscam refúgio na Embaixada da França, protegida pelo comandante Mohamed Bida (Roschdy Zem) e seu exército. Cerca-do, ele negocia soluções com os Talibãs. Sábado (29) no Estação Gávea, 14h, e CineCarioca José Wilker, 15h.



Fanon

FANON, de Jean-Claude Barny: Alexandre Bouye tem uma atuação devastadora neste recorte dos feitos do psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon, o pensador que enfrentou o sistema colonial francês, expressando suas ideias em livros como “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952). Sua trajetória teórica redefiniu a psiquiatria, a luta decolonial e a própria ideia de liberdade. Domingo (30) no Estação NET Rio, 14h10.

Sganzerle-se NA TELINHA

No mesmo domingo em que exhibe o mítico 'O Bandido da Luz Vermelha', a emissora abre espaço para o primeiro longa da filha do cineasta: 'Mulher Oceano'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Abre o olho, Netflix, por que em matéria de brasilidade ao alcance de um clique... ou do zap do controle remoto... a TV Brasil tá dando de dez em muito streaming por aí, no empenho de levar longas-metragens com status de cult (mas que tocam em cheio no miocárdio do povão) para a televisão aberta. A prova (nota 10) é a presença de "O Bandido da Luz Vermelha" na grade deste domingo. Aí a concorrência perde, e feio. A transmissão será às 21h30.

O detalhe é que a noite de 30 de novembro na emissora educativa celebra esse marco latino-americano do chamado Cinema de Invenção, festejando seu DNA, não apenas com a presença (espiritual) de seu realizador, o catarinense de Joaçaba Rogério Sganzerla (1946-2004), como de sua filha, Djin. Atriz premiada e também cineasta, ela é cuidadora da obra do pai, ao lado da irmã, Sinai, e da mãe, a multiartista Helena Ignez, que dirige, atua e produz. Logo após a exibição do marco de público e crí-



Divulgação

Paulo Villaça é lava em erupção na narrativa de 'O Bandido da Luz Vermelha'

André Guerreiro Lopes/Divulgação



Djin Sganzerla estrela e dirige 'Mulher Oceano'

tica de 1968, centrado no marginal que transformou São Paulo num faroeste (do Terceiro Mundo) a céu aberto, o canal exhibe, às 23h15, "Mulher Oceano" (2020), que fez de Djin uma diretora de prestígio internacional.

"Ver 'O Bandido da Luz Vermelha' exibido numa TV aberta, educativa, num domingo, para o público brasileiro como um todo, é algo muito especial. Esse tipo de exibição amplia o alcance da obra e permite que novas gerações tenham acesso a um filme que continua absolutamente atual, inquieto e vibrante", comemora Djin, que lançou um novo longa, "Eclipse",

na Mostra de São Paulo, no fim de outubro. "Temos realizado um trabalho constante de difusão da obra do meu pai. A filmografia dele segue absurdamente pulsante, contemporânea. Recentemente, eu acompanhei várias exibições de 'A Mulher de Todos' (lançado por Rogério Sganzerla em 1969, com Helena Ignez num acachapante desempenho), que acabamos de restaurar, em 4k. É delicioso ver o quanto esse filme é comunicativo, de humor ímpar, com atuações magistrais, diálogos brilhantes e uma mise-en-scène incrível. O público sai das sessões verdadeiramente embasbacado. Em dezembro, o fil-

me seguirá para a Coreia, o que nos deixa muito felizes".

Vanguardista para as plateias que o viram na estreia, "O Bandido da Luz Vermelha" ganhou o troféu Candango de Melhor Filme no Festival de Brasília de 1968. Sua narrativa é conduzida pela voz de interlocutores radiofônicos que anunciam o noticiário policial. Embrenhados pelas ruas da Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado, autoridades se empenham na captura do criminoso do título (vivido por Paulo Villaça em estado de graça), temido pelas famílias de bem. Enquanto isso, Luz narra a sua escalada na senda do crime e reflete sobre a existência no país, cruzando com figuras marginalizadas como Janete Jane (papel de Helena Ignez).

"É um filme que todo brasileiro acima de 16 anos deveria ver pelo menos uma vez", orgulha-se Djin, que atuou na parte dois de "O Bandido", chamada "Luz Nas Trevas", dirigida por Helena e lançada mundialmente no Festival de Locarno de 2010, na Suíça, onde foi laureada pela crítica.

Apaixonado por "O Bandido da Luz Vermelha", o curador suíço

Giona A. Nazzaro - que há cinco anos remodelou Locarno, fazendo do festival um dos mais prestigiados fóruns de imagem do planeta - foi um dos responsáveis pelo resgate do olhar de Sganzerla Atlântico afora.

"Se Sganzerla tivesse nascido na França, ou na Itália, ele seria reverenciado como um gigante entre os realizadores de seu tempo", disse Giona, quando exibiu "Documentário" (1966) e "Abismu" (1977), dois pilares da estética de Rogério, em terras helvéticas.

Sempre atenta aos caminhos do legado de seu pai, cujos filmes podem ser vistos na Europa na plataforma Filmin.Pt, Djin venceu o Cine PE, no Recife, em 2020, com "Mulher Oceano, que foi aplaudido em festivais na Espanha, nos EUA e em Portugal. Ela dirige e protagoniza essa iguaria sobre espelhamentos, dividindo-se entre duas figuras. Uma delas é uma escritora que, ao se mudar para Tóquio, dedica-se a escrever seu novo romance, instigada por uma das últimas cenas que presenciou no Rio de Janeiro: uma nadadora que tem seu corpo transformado em uma espécie de mar interior.

"O 'Mulher Oceano' representa um marco muito profundo na minha trajetória. É um filme que considero meu primeiro filho, não apenas por ser minha estreia na direção de longa-metragem, mas porque foi gestado dentro de mim durante anos, numa mistura de intuição, desejo e coragem", diz Djin. "Ele me deu muito, na felicidade de fazer exatamente o que eu mais desejava, que era dirigir e dar voz aos meus desejos e pensamentos cinematográficos. Ser uma diretora mulher ainda é mais difícil e isso torna o gesto ainda mais vital. Fiz um filme diferente do cinema que meus pais fazem. Procurei ser o mais fiel possível à minha personalidade".

Sucesso de público na Mostra de SP, "Eclipse", o experimento mais recente de Djin atrás das câmeras, tem lançamento comercial previsto para o fim do primeiro semestre de 2026, com distribuição da Pandora Filmes em conjunto com a Mercúrio Produções.

CRÍTICA / LIVRO / AS PRIMAS

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

A estranheza em
sucesso tardio

Sob pseudônimo, em 2007, a argentina Aurora Venturini (1921-2015) inscreveu o romance “As primas” (Fósforo, R\$ 55,40) em um concurso literário para novos autores do jornal Página/12. Tinha 85 anos, uma carreira consolidada como escritora e tradutora, havia vivido na França e feito amizade com o grupo de intelectuais mais celebrados da época – Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Eugene Ionesco e Albert Camus, entre outros. Circunscrita, até então, ao meio editorial, ganhou o concurso, surpreendendo pela atualidade e vitalidade do tema. Ambientou “As primas” em época bem anterior às comodidades tecnológicas contemporâneas. E montou uma trama incômoda e instigante, narrada pela menina Yuna, cuja falta de habilidades cognitivas é compensada pelo talento na pintura.

Criada pela mãe, “uma professorinha mi-xurruca”, ao lado da irmã que sofre de graves deficiências mentais e motoras, a menina cresce como prodígio artístico, incentivada por um professor que se infiltra na família e pela pragmática prima Petra, cujo nanismo não impede suas atividades profissionais como prostituta. Homens têm participação episódica – mas intensa – no meio da família.



Divulgação

Sob pseudônimo, a veterana Aurora Venturini conquistou um prêmio literário para novos autores com ‘As Primas’

O pai de Yuna se foi quando as filhas eram pequenas. Um vizinho engravida uma prima adolescente, que morre em consequência do aborto. Um tio é mencionado mais como provedor e ausente das decisões daquelas mu-

lheres que encontram formas de se impor ao mundo exterior, apesar de fugirem a padrões físicos e mentais dos vizinhos.

O talento de Yuna permite que tome a frente do sustento da casa, e, ao lado de Pe-

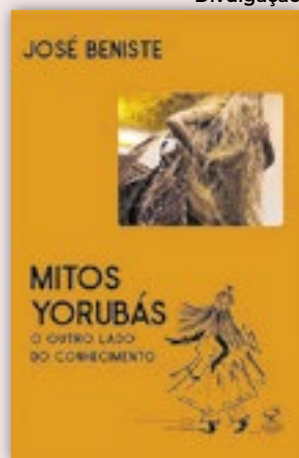
tra, define os rumos da família inteira. A ascensão social e material através da arte forjam sua maturidade – auxiliada pela sempre surpreendente Petra. Quando a pobreza e as debilidades deixam de defini-las, também se reduzem as descrições escatológicas do cotidiano que inclui cuidados com a irmã-bebê. A ingenuidade de Yuna lembra a da personagem Bella Baxter, do livro “Pobres criaturas”, cuja adaptação cinematográfica deu o Oscar à atriz Emma Stone. Bella, uma mulher que recebe um transplante de cérebro de um bebê, raciocina como uma criança pequena, reagindo intensamente às descobertas do cotidiano – exatamente como Yuna.

Se Aurora Venturini demorou a ser reconhecida na Argentina, no Brasil só veio a ser publicada em 2022. No ano passado foi lançado aqui “Nós, os Caserta” (Fósforo, R\$ 58), que traz mais um grupo de pessoas esquisitas. É narrado por Chela, uma superdotada com personalidade perversa, cuja aparência da menina, morena, de cabelos escuros, não corresponde ao ideal da família esnobe e racista, descendente de italianos, espanhóis, nativos e afro-argentinos. Se “As primas” trata da visão social dispensada aos pobres e enjeitados, “Nós, os Caserta” desnuda a elite argentina que se via como branca e europeia. Uma história que continua atual, embora lançada nos anos 1960.

NA ESTANTE

POR **OLGA DE MELLO****MITOS YORUBÁS - O OUTRO LADO DO CONHECIMENTO**

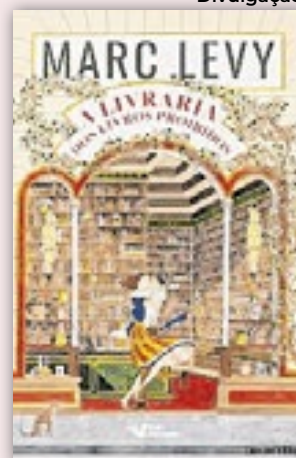
A obra do historiador e especialista em religiões de matriz africana José Beniste ganha nova edição e preenche uma lacuna sobre as divindades mitológicas que norteiam boa parte da população no país. Para continuar professando suas crenças, os escravizados africanos passaram a usar os nomes dos santos católicos no lugar das entidades que cultuavam, popularizando os ritos. No entanto, as noções sobre origem do mundo, a criação do homem e a relação com o sagrado ficaram quase restritas a seus fiéis. (Civilização Brasileira, R\$ 79,90)



Divulgação

A LIVRARIA DOS LIVROS PROIBIDOS

Bibliotecas públicas e de escolas de alguns estados norte-americanos podem, desde 2022, excluir livros de seus acervos por temáticas consideradas inadequadas para jovens. Segundo o francês Marc Levy, 30% dos títulos censurados abordam o racismo ou são protagonizados por negros tais como os clássicos “O Sol É Para Todos”, “1984” e “Admirável Mundo Novo”. Essa censura inspirou o autor a criar esse romance no qual um livreiro acaba na cadeia por reservar uma sala para leitores interessados na leitura desses títulos. (Faro Editorial, R\$ 64,90)



Divulgação

DE ONDE ELES VÊM

Jefferson Tenório aborda o racismo brasileiro neste romance que acompanha a trajetória de um dos primeiros cotistas em universidade pública. Joaquim, que mora com a avó inválida, precisa enfrentar toda sorte de dificuldades financeiras e sociais para não desistir da graduação no curso de Letras. Visto com complacência por professores e colegas, se agarra à oportunidade de estudar para realizar o sonho de ser escritor, enquanto supera as críticas silenciosas às políticas que tentam amenizar as desigualdades sociais. (Cia das Letras, R\$ 67,90)



Divulgação

Tomás Vélez/Divulgação



MAISON FERNAND

Divulgação



PADARIA IPANEMA

MARINE RESTO – No restaurante francês localizado no Hotel Fairmont, em Copacabana, é possível encontrar no menu de sobremesas o Caju (R\$ 75). Uma ganache de chocolate branco, limão galego e crocante de caju caramelizado. Av. Atlântica, 4240 – Copacabana. Tel: (21) 2525-1232.

SEM CULPA GASTRONOMIA – O chef Marcelo Bessa criou para sua confeitaria com doces sem glúten e sem lactose, o entremet 3D de Limão siciliano (R\$ 35). Ele é feito com camadas de mousse de limão siciliano, bolo de amêndoas, gel de limão siciliano, creme de baunilha e coberto com chocolate branco zero açúcar. Rua Governador Irineu Bornhausen loja R1 - Largo do Machado. Tel: (21) 99933-8118.

Doce ilusão

Sobremesas em formato de frutas enganam o olhar e conquistam o paladar

Por **Natasha Sobrinho**

(@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Nas cozinhas cariocas, a nova febre é confundir o olhar antes de encantar o paladar. Sobremesas em formato de frutas invadem as casas do Rio: de sorvetes moldados e esculpidos a entremets sofisticados de múltiplas camadas. Limão, caju, cacau, pêra, framboesa... tudo parece fruta perfeita à primeira vista, mas esconde recheios cremosos, mousses leves, geleias intensas e texturas irresistíveis. É um luxo divertido que transforma a sobremesa em surpresa, truque e espetáculo. Provando que, no Rio, beleza e sabor também caminham lado a lado. Confira nossa seleção abaixo:

Divulgação



SEM CULPA GASTRONOMIA

MAISON FERNAND - A pâtisserie, localizada em Ipanema, apresenta sua coleção Les Fruits, uma série de sobremesas inspiradas na técnica francesa trompe-l'œil, que significa "enganar o olhar". Entre as criações está o Le Citron (R\$ 65), com rasas de limão e geleia de limão siciliano, mousse de limão e casca de chocolate branco. A La Framboise (R\$ 65) com geleia de framboesa, ganache de baunilha de Madagascar e casca de chocolate branco. A La Pomme (R\$ 65) maçã caramelizada, ganache de baunilha de Madagascar e casca de chocolate branco. Já a La Pêche (R\$ 65) combina pêssago em calda e ganache de baunilha de Madagascar com casca de chocolate branco. Fechando a coleção, a La Poire (R\$65) com pedaços de pêra, amêndoas laminadas e baunilha, com ganache de chocolate amargo e casca de chocolate branco. Rua Garcia D'Ávila, 173, Ipanema. @maisonfernand_rj

Divulgação



MARINE RESTO

Divulgação



DA MARINO

PADARIA DE IPANEMA – Na padaria, que acabou de ser reaberta em Ipanema pelo empresário Antônio Rodrigues e com gastronomia comanda pelo chef francês Frédéric Monnier, é possível encontrar diversas sobremesas com inspiração francesa. Destaque para o entremet de Caju (R\$ 45). Rua Visconde de Pirajá, 325. @padariaipanema_oficial

DA MARINO – Faz sucesso no restaurante italiano, em Ipanema, o Limone (R\$ 45). Uma sobremesa em forma de limão siciliano com recheio de sorvete, sobre farofa de cacau, manjeriço e calda de morango. Rua Barão da Torre, 482. Tel: (11) 3368-6863.

Arte que vem do lixo

Mostra reúne catadoras e artistas em ação voltada à reciclagem e geração de renda

Por Mayariane Castro

A segunda edição da Mostra Extraordinária será apresentada entre 1º e 20 de dezembro no Espaço Cultural Athos Bulcão, na Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF). A iniciativa articula produção artística e reciclagem a partir do trabalho desenvolvido pela Central de Reciclagem do Varjão (CRV). O evento resulta de uma parceria entre cooperadas e artistas visuais e busca ampliar o alcance do trabalho realizado no galpão de triagem, fundado em 2008 por um grupo de trabalhadoras da região.

Idealizada pela produtora Virshna Cunha, a mostra teve início em 2016, com a proposta de integrar criação artística, práticas sustentáveis e renda para catadoras.



Projeto recicla o lixo e transforma em arte

Gabriela Pires

Na primeira edição, a venda das obras foi revertida integralmente às trabalhadoras.

A nova etapa mantém o formato e reúne peças produzidas a partir de oficinas ministradas por arte-educadores.

A CRV concentra 39 trabalhadores, dos quais 25 são mulheres responsáveis pela separação de resíduos sólidos. O espaço opera a partir de material enviado por caminhões de coleta, muitas vezes misturado a lixo orgânico e prensado, o que dificulta a triagem e reduz o valor de venda dos recicláveis.

A cooperativa registra que essa prática interfere diretamente na renda das famílias que dependem do trabalho, além de demandar reorganização constante do fluxo operacional.

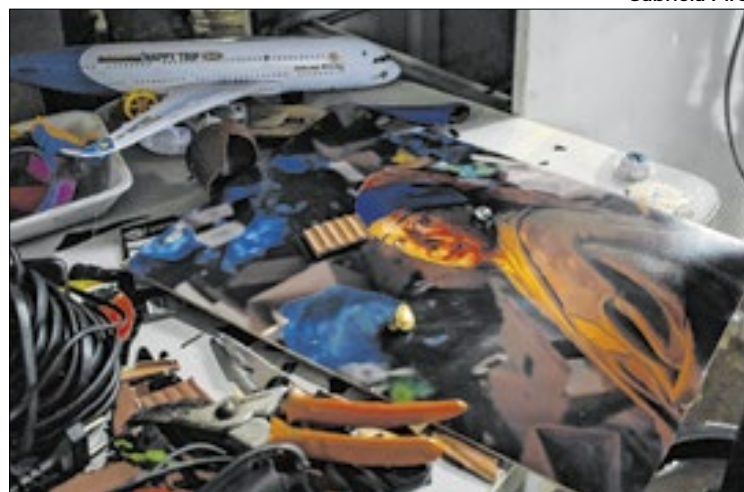
Valorização do papel das catadoras

Além de expostas, diversas obras estarão à venda ao público

As obras que compõem a exposição foram produzidas em atividades conduzidas pelo arte-educador Antonio Delei e pela artista e animadora Júlia Libânio. As peças são assinadas por Dalva Alves, Ana Paula Borges Rodrigues, Dinora José Borges Rodrigues, Gabriela Rodrigues da Silva, Winni Oliveira de Sousa, Jandira Rosa Rodrigues da Silva, Maria Eneide, Sheila Silva Lima, Vera Lucia Rodrigues Alves e Viviane de Oliveira Alves.

As oficinas têm a função de orientar o uso de resíduos como matéria-prima e de estruturar processos de criação coletiva.

Além da exposição, existem trabalhos disponíveis para compra, como as obras “Papa-gaio” (técnica mista e colagem, 50x50, R\$ 1.300), “Capivara” (técnica mista e colagem, 50x30, R\$ 800), “Lobo Guará” (técnica mista e colagem, 50x70, R\$ 1.700) e “Mulher com Brinco de Plástico” (colagem sobre fo-



“Mulher com brinco de plástico”: uma das obras

Gabriela Pires

tre os principais desafios enfrentados pela cooperativa.

A mistura de resíduos inviabiliza parte do material e exige esforço adicional da equipe, que depende do retorno financeiro obtido com a comercialização de recicláveis.

Integrantes do grupo afirmam que a exposição contribui para evidenciar essas condições de trabalho e para ampliar o diálogo com o poder público e a comunidade.

Segundo Virshna Cunha, a perspectiva é ampliar o projeto para outras centrais de reciclagem do Distrito Federal e de outros estados. A produtora defende que a articulação entre artistas e catadoras pode estimular práticas de consumo e descarte sustentáveis e fortalecer iniciativas locais de economia circular. A realização da Mostra Extraordinária conta com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC) e da Lei Paulo Gustavo.

tografia, 297x420 mm, R\$ 800).

Os valores arrecadados serão destinados exclusivamente à CRV, com foco em melhorias estruturais e condições de trabalho no galpão.

Oficinas

Durante o processo de criação, o grupo discutiu rotinas de coleta, separação e prensagem, além de temas ligados à organi-

zação comunitária. Para Antonio Delei, as oficinas funcionam como espaço de fortalecimento coletivo.

Júlia Libânio afirma que a visibilidade pública da mostra amplia o entendimento sobre o papel das catadoras na cadeia de reciclagem e no manejo de resíduos urbanos.

A CRV registra que a coleta seletiva irregular permanece en-

TEATRO**Espectáculo imersivo “Vinicius”**

✱A Cia Infiltrados Teatro de Ocupação comemora 10 anos com nova temporada de “Vinicius”, dias 5 e 6 de dezembro, às 19h, no Teatro Mapati, em Brasília. Criado em 2015, o espetáculo imersivo sobre Vinicius de Moraes segue em cartaz desde a estreia e recebe apenas 45 pessoas por sessão, com open bar de uísque. A montagem, apresentada mensalmente, destaca vida, obra, parcerias e histórias do Poetinha, com músicas ao vivo como “Chega de Saudade” e “Garota de Ipanema”. Ingressos no Sympla. Classificação: 18 anos. Duração: 120 min.

Aniversário do Espelho

✱O Grupo Viva a Vida, referência nas artes cênicas do Distrito Federal, celebra 25 anos com a remontagem de “O Aniversário do Espelho”, primeiro espetáculo criado em 2000 por Tullio Guimarães. A nova versão terá direção de Andy do Futuro, assistente de Tullio desde 2016, que assume após o falecimento do professor em 2024. A dramaturgia revisita cenas concebidas por ele, adaptadas ao elenco atual e ao tempo presente. Formado por veteranos do teatro, o Grupo segue profissional e independente, sustentado pela sua plateia fiel. As apresentações ocorrem em 29 e 30 de novembro e 6 e 7 de dezembro, com ingressos no Sympla.

“Manual Antirracista”

✱O espetáculo “Manual Antirracista”, criado em 2022 na Escola Parque Anísio Teixeira, em Ceilândia, consolidou-se como uma das experiências cênicas mais potentes do DF após circular por festivais, escolas e ações pedagógicas. Em nova temporada, oferece sessões gratuitas em novembro e dezembro pelo Plano Piloto e Ceilândia, celebrando o Mês da Consciência Negra. A montagem nasceu das vivências de estudantes e aborda representatividade, violência racial, memória e resistência, com dramaturgia de Alana de Azevedo.

Espectáculo inédito

✱A Cia Em Comma estreia o espetáculo “As Lágrimas Negras de Rímel de Gilda Presley”, um monólogo sobre terceira idade, amor, memória e reinvenção, com texto de Cícero Belmar e direção de Ernandes Silva. A peça, realizada com



Espectáculo imersivo “Vinicius” completa 10 anos sem nunca ter saído de cartaz

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



“As Lágrimas Negras de Rímel de Gilda Presley”

apoio do FAC-DF, será apresentada gratuitamente em Planaltina, Samambaia e Ceilândia em dezembro de 2025, com sessões acessíveis em libras e audiodescrição.

FESTIVAL**Festival Taguá de Cinema**

✱A 18ª edição do Festival Taguá de Cinema encerrou quatro dias de exhibições com quase 60 obras e premiações das mostras DF e Competitiva. O curta Oitavo Anjo, produzido por alunos do IFB, foi destaque local, enquanto Encantos para Omo e Iyá venceu pelo voto do público. Na Competitiva, Ludmilla foi o favorito do júri popular, e Presépio, Talvez Meu Pai Seja Negro e Como Nasce um Rio foram escolhidos pelo júri técnico. O



Thyago Arruda

Projeto Marias amplia programação

Divulgação



Projeto Quitanda Cultura e Saberes

Divulgação



18º Festival Taguá de Cinema

evento, referência na periferia do DF, também contou com mostras acessíveis e debates.

Festival Botecar

✱O Juscelino Bar e Restaurante, na 202 Sul, estreia no Festival Botecar apresentando o Disco de Carne com costela desfiada ao aioli de dijon, prato que já é sucesso entre os clientes. Os chefs Matheus Camargo e Gabriel Blas afirmam que a receita traduz a essência do boteco sem perder a identidade da casa. A participação no festival, que vai até 14 de dezembro.

Festival A Cena Cênica

✱O Festival A Cena Cênica encerra sua programação nos dias 29 e 30 de novembro, no Espaço TanTan, em Santa



Nathan Nascimento

Festival A Cena Cênica tem últimos dias

Divulgação



Espetáculo "Aniversário do espelho"

Maria. Após passar por Ceilândia, Gama e Santa Maria, o projeto soma 72 apresentações teatrais gratuitas, valorizando artistas das periferias do DF e ampliando o acesso à cultura. A programação inclui espetáculos com classificação livre, intérpretes de Libras e audiodescrição. O festival destaca a importância do teatro em uma sociedade dominada por telas e reforça a potência artística além do Plano Piloto. Instagram: @cena.cenica.

SHOW

Projeto Raízes Musicais

✱O rapper GOG se apresenta no Teatro dos Bancários em 1º de dezembro, às 20h, no Projeto Raízes Musicais. Ícone do rap brasileiro, o artista celebra 36 anos de carreira em um show de forte

identidade e resistência, acompanhado por Victor Vitrola e DJ A. A apresentação integra série dedicada a nomes da música autoral do DF e reforça o papel do teatro como espaço de valorização cultural. Natural de Sobradinho, GOG tem trajetória marcada por parcerias nacionais. Ingressos no Sympla.

Arte nas praças

✱O Arte na Praça realiza neste sábado, 29 de novembro, sua décima noite da temporada, transformando a Praça das Artes Teodoro Freire em espaço de lazer, samba e futebol. A partir das 18h, os bares exibem a final da Libertadores entre Palmeiras e Flamengo. Às 19h, começam os shows com BSB Samba e, às 21h, Luz do Samba, patrimônio artístico de Sobradinho. A bailarina Karol Thayná também se apresenta. Desde as 17h, há feira, gastronomia e atividades para a família. Entrada gratuita.

Hip-Hop sem fronteiras

✱Brasília também é capital do rap. Criado pelo DJ Raffa Santoro em 2023, o projeto "Hip Hop Sem Fronteiras" valoriza artistas do DF e entorno e chega à segunda edição em 2025, com apoio do FAC-DF. Os 15 selecionados apresentam músicas autorais e recebem premiações no dia 30 de novembro, às 19h, no Museu Nacional da República. O projeto reforça a diversidade, com vagas destinadas a mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e com deficiência. Entrada gratuita. Instagram: @projetoohsemfronteirasdf.

EXPOSIÇÃO

Projeto Quitanda Cultura

✱O projeto Quitanda Cultura e Saberes encerra sua edição 2025 nesta sexta (28), às 20h, na Casa Luz de Yorimá, com apresentação das Sambadeiras de Roda. Criado para valorizar culturas afro-brasileiras, indígenas e periféricas, o coletivo reúne mulheres negras que mantêm vivo o Samba de Roda e suas tradições. A noite também abre uma exposição com registros das atividades do ano. Entrada gratuita.

Projeto Marias

✱O projeto Marias amplia a programação com seminários sobre fotografia como instrumento terapêutico para mulheres vítimas de violência, com encontros no IFB, na Lordes do Areal e no CEAS. Ações são gratuitas.

Fora do eixo: Planaltina

Complexo Cultural garante acesso à arte e educação à população da região

Por Mayariane Castro

Para além do Plano Piloto, o espaço de Brasília concebido por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a vida acontece de forma plena.

E cada vez mais crescem nas demais regiões iniciativas de promoção da arte e da cultura. Série que se inaugura nesta sexta-feira (27) mostrará, uma vez por semana o que vem acontecendo no Distrito Federal “fora do eixo”.

O Complexo Cultural de Planaltina (CCP), administrado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, é um exemplo. Mantém programação voltada à produção artística local, formação de públicos e oferta de atividades educativas.

Inaugurado em 4 de outubro de 2018, o equipamento inte-

gra a política cultural do DF e concentra ações de circulação, difusão e desenvolvimento de iniciativas culturais na região administrativa, sendo um dos poucos mecanismos culturais públicos do DF atualmente.

Localizado na área central da cidade, ao lado da Rodoviária, o complexo se consolidou como ponto de encontro entre artistas, produtores, estudantes e moradores.

O espaço foi estruturado com a missão de ampliar o acesso à cultura, incentivar a participação comunitária e contribuir para a redução de situações de vulnerabilidade social.

A formação continuada e a ocupação dos espaços por projetos diversos são consideradas eixos de funcionamento.

Fora do eixo: cultura em Planaltina

Complexo Cultural garante acesso à arte e educação

A estrutura do complexo reúne um cineteatro coberto com 340 lugares, palco em estilo italiano, camarins e sistemas de projeção e sonorização. Há ainda um teatro ao ar livre com arquibancada para cerca de 450 pessoas, utilizado para apresentações, ensaios e atividades comunitárias. A galeria para exposições possui 150 metros quadrados, sistema de iluminação em trilhos e seis expositores. A sala multiuso, com

79 metros quadrados, recebe oficinas, encontros e formações. O CCP foi projetado segundo parâmetros de acessibilidade. O acesso é feito em nível com a rua e sem barreiras físicas. Os teatros, auditórios e a galeria dispõem de rampas, corrimãos em duas alturas e piso tátil que indica início e fim de escadas, rampas, porta de elevador e obstáculos fixados em paredes. Elevadores adaptados completam o conjunto.



Complexo reúne a atividade cultural em Planaltina



Festival Motriz

Festival de cinema acontece na cidade

Grafite

As paredes exteriores do local são pintadas por grafite, obra de diferentes artistas locais da cidade. Desde monumentos da cidade de Planaltina até rostos diversos que contemplam a grande miscigenação do quadrado do DF. Entre as atividades recentes do local, está a oficina de grafite promovida pelo Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional (Iphan), realizada no final do mês de outubro. Ministrada pela artista Yasmin Kali, ilustradora do livro “Em busca da Planaltina perdida”, a ação foi direcionada a estudantes da rede pública. A iniciativa integra um conjunto de práticas voltadas à educação patrimonial e ao reconhecimento da identidade histórica da região.

A atividade teve como objetivo oferecer experiência prática em grafite, relacionando técnicas da arte urbana ao território vivido pelos participantes. O trabalho propôs que os estudantes observassem as referências culturais do bairro, utilizassem o espaço público como suporte de reflexão e reconhecessem equipamentos culturais como pontos de integração comunitária. A oficina também buscou aproximar jovens do debate sobre preservação e uso social de espaços culturais.

Outra atividade com participação do complexo neste ano foi o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Na edição comemorativa dos 60 anos, todas as sessões exibidas no Cine Brasília também foram levadas ao Complexo de Planaltina com ações de acessibilidade.

As medidas incluíram legendas descritivas para pessoas surdas, audiodescrição e tecnologia assistiva para cegos.

Mostra une arte e
reciclagem na Câmara
Legislativa do DF
PÁGINA 7



Série especial destaca
a força da cultura além
do Plano Piloto
PÁGINA 16



A viola, o violeiro e o amor se tocam

Show da turnê 'Pai e Filho', que reúne pela primeira os virtuosos Almir e Gabriel Sater, chega ao Rio

Por **AFFONSO NUNES** | Tocando juntos na novela "Pantanal" (TV Globo) eles garantiram o cáculo de maior audiência do folhetim. Agora, Almir Sater e seu filho Gabriel dividem o palco na turnê "Pai e Filho", que chega nesta sexta-feira (28), às 21h30, ao Qualistage. No próximo ano ano a urnê chega aos Estados Unidos com apresentações em Boston e no icônico Carnegie Hall de Nova York, uma das casas de espetáculo mais prestigiadas do mundo. "Nós nunca pensamos fazer uma turnê juntos", admite Almir, que agora encara o projeto como continuidade natural de uma história construída com dedicação, talento e amor. O encontro da cordas desses dois violeiros fantásticos faz emergir o que existe de mais belo da música caipira, da poética do homem do campo, do Brasil profundo que os dois defendem com orgulho e talento. **Continua na página seguinte**

Divulgação

De fato, 'Melodia&Barulho'

Conheça o primeiro álbum de estúdio do cantor Maui

Por Lanna Silveira

Trazendo a inovação ao clássico, a harmonia à desordem e o consolo pelo desconforto, o cantor e compositor Maui consolida seu primeiro álbum de estúdio, "Melodia&Barulho", como um dos lançamentos brasileiros mais interessantes de 2025. Em entrevista exclusiva ao Correio Sul Fluminense, o artista explica todo o processo artístico que envolveu a criação do álbum: desde toda a composição instrumental e lírica até a elaboração de seu conceito estético.

O disco é resultado da pesquisa musical que vinha sendo feita por Maui desde 2021 e envolvia o estudo e consumo de diferentes gêneros e estilos. O artista explica que passou cerca de dois anos apenas tentando entender a melhor maneira de agregar todas as suas referências de uma forma que fizesse sentido para ele e para o público: em uma música que, em suas palavras, fosse "entendível".

Em 2022, Maui começou a trabalhar com a composição das letras que viriam a fazer parte do álbum, e somente em 2024 foi iniciada a fase de produção em estúdio. "Não tinha como [o Melodia&Barulho] ter sido lançado antes. Ele precisou desse tempo todo para existir."

Com 16 faixas, o álbum se apoia na sonoridade clássica do R&B ao mesmo tempo que in-



corpora marcas de estilo de outros gêneros, como o funk, pagode, afrobeat, drill, grime e reggae. O resultado é um equilíbrio entre a suavidade de ritmos mais melódicos e a energia dos elemen-

tos eletrônicos. O título "Melodia&Barulho", para Maui, é um nome que sintetiza perfeitamente a sonoridade oferecida pelo disco.

O repertório adquirido pela pesquisa de Maui se reflete na

diversidade de referências e no experimentalismo do álbum. Faixas como "Te Ganhar", feita em parceria com TShawtty, evocam a paixão da conquista pela pessoa amada não somente pela

letra, mas também com o uso de samples de canções românticas clássicas do R&B: "We Belong Together", de Mariah Carey, e "1 Minuto", de D'Black e Negra Li.

Outro destaque do álbum são

Fotos: Divulgação



as faixas “Seu Telefone” e “Não é Tarde”, que exploram os arranjos do pagode em fusão com a batidas do “drum n’ bass” - vertente eletrônica caracterizada por batidas aceleradas e marcantes -, trazendo uma nova abordagem a um gênero que, pelo menos no cenário mainstream, ainda está muito atrelado a um estilo de produção clássico.

Maui explica que a inspiração para mesclar diferentes estilos surgiu de seu contato com apresentações de DJs “open format”, que fazem a mixagem de diferentes gêneros em um único set.

— Por mais inovador que possa parecer para o público geral, na minha bolha artística isso é muito comum. Hoje em dia, muitos DJs são open format. Em uma hora, as vezes [o DJ] passa por 20 gêneros diferentes. Eu já vi muitas vezes um DJ mixando pagode ou dancehall com drum n’ bass [por exemplo]. Essa intersecção entre

os gêneros sempre me chamou a atenção — acrescenta.

Para harmonizar todas as suas referências, Maui contou com os três produtores principais do disco: Taleko, que auxiliou na produção dos elementos eletrônicos; CL Fez o Beat, que é parceiro de longa data do cantor e conseguia dosar as iniciativas experimentais com as bases mais clássicas da sonoridade de Maui; e Chediak, que participou da etapa de pós-produção e aprimorou a mixagem das faixas.

Bagunça organizada

Maui queria que o Melodia&Barulho fosse um retrato do momento cultural e artístico que vive enquanto jovem, buscando fazer referência às festas que frequente e às relações pessoais e profissionais que cultiva com outros artistas. Refletindo a coletividade dessas experiências, o cantor per-

mitiu que todos os artistas envolvidos trouxessem novas ideias para a construção do disco e deixassem sua marca no resultado final.

— Por serem pessoas que vivem a noite e essa cultura comigo, eles entendiam aonde eu queria chegar e quais sensações eu queria passar [com o disco]. Se eu trouxesse só as minhas ideias, o trabalho ia ficar muito limitado à minha visão — explica o cantor.

O sentimento de comunidade também se manifesta na capa do disco, que reúne dezenas de amigos e colaboradores de Maui em um retrato espontâneo, que parece registrar um momento banal do dia a dia. O artista explica que a arte da capa é inspirada no movimento artístico contemporâneo conhecido como “crialismo”, propulsionado por jovens da periferia brasileira que buscam retratar e valorizar as suas origens, histórias e vivências por meio da arte.

A capa de Melodia&Barulho visa expressar a diversidade de “tribos” que existe nas periferias por meio exposição de uma grande “bagunça” visual: pessoas de diferentes estilos e personalidades interagindo entre si, além de referências a diferentes elementos que fazem parte do universo da música, como um saxofone, uma CDJ e um gigante soundsystem.

— Quando você é de periferia, você pode ser pagodeiro, mas também pode ser rockeiro; também



pode ouvir forró. [Essa diversidade] é comum, mas é tratada como se fosse algo estranho — explica Maui, acrescentando que a intenção da capa é, justamente, demonstrar ao público que essa miscelânea é mais familiar do que se possa parecer. “Tem muita coisa, muita gente, muita informação. Você olha de primeira e acha estranha, mas quando começa pensar percebe que aquela cena parece mais com o seu bairro do que qualquer outra coisa”, brinca.

Amadurecimento

As letras do Melodia&Barulho refletem um mar de emoções vividas por Maui em diferentes tipos de experiências. Temas como a ascensão social e sucesso pessoal são abordados em faixas como “Comemorar”, enquanto as vivências e relações da vida noturna ganham luz em “Quero Mais” e “Gastahondah”. O cantor tam-

bém desabafa sobre momentos de insatisfação com seu estilo de vida e a sensação de vazio em canções introspectivas como “Há Volta” e “Inocência”, contrapondo as sensações negativas com manifestos de esperança e de valorização da evolução pessoal, expostos em canções como a faixa-título.

O disco registra o processo terapêutico de Maui nos últimos anos, que o ajudou a entender suas falhas e a acolher suas fragilidades. O cantor explica que pretende, com o álbum, ajudar seu público nessa busca pelo equilíbrio pessoal a partir da exposição de suas próprias reflexões. “Não quero falar disso como um “professor”: eu quero contar essa história de dentro, como um processo de acolhimento para quem escuta. Espero que [o álbum] ajude as pessoas a quererem buscar a melhor versão de si mesmas”, aponta.

Além do crescimento pessoal, Maui também sente que o Melodia&Barulho representa seu amadurecimento como artista. Em lançamentos anteriores, como o EP “Rubi” (2023), o cantor assume que se sentia satisfeito com um trabalho “bruto”: bem executado, mas sem correr riscos e explorar possibilidades. Em sua fase atual, Maui afirma que enxerga a beleza da arte nos detalhes, e que tentou valorizar ao máximo essa nova percepção em seu disco. O artista também garante ao seu público que está se aprofundando cada vez mais em suas pesquisas sobre música na intenção de alcançar novos auge artísticos em seus próprios trabalhos.



Ode ao cinema francês

Gacemss recebe mais uma edição do Festival de Cinema Francês em Volta Redonda

O 16º Festival de Cinema Francês do Brasil já chegou às telas de Volta Redonda. A programação, que exibe 20 filmes que integraram a programação recente de festivais como Cannes e Veneza, além de obras clássicas, estará disponível no Cine Gacemss até o dia 10 de dezembro. A programação completa está disponível no site do Teatro Gacemss (gacemss.com.br).

Os filmes

Jovens Mães

O filme aborda o desafio cotidiano de cinco adolescentes e seus filhos pequenos em um abrigo. As personagens lutam em busca de uma vida melhor, enquanto lidam com questões como conflitos financeiros e familiares.

13 Dias, 13 Noites

O drama é ambientado em Cabul, no Afeganistão, em agosto de 2021, e inspirado em uma história real. Enquanto as tropas americanas se retiram, os Talibãs tomam a capital e milhares de afegãos buscam refúgio na Embaixada da França, protegida pelo comandante Mohamed Bida e seus homens. Cercado, ele negocia com os Talibãs para organizar, com a ajuda de uma humanitária franco-afegã, um último comboio em direção ao aeroporto.

Eu, Que Te Amei

O longa acompanha a atribulada história do icônico casal do cinema francês Yves Montand (Roschdy Zem) e Simone Signoret (Marina Fois). Assombrada pelo caso de seu marido com a atriz Marilyn Monroe e ferida por todos os que vieram depois, Signoret sempre recusou o papel de vítima: o que eles sabiam é que nunca se separariam.

O Estrangeiro



Fotos: Divulgação

Festival exibirá 20 longa metragens franceses consagrados e premiados, entre lançamentos recentes e clássicos

O drama, em preto e branco, é baseado no livro de Albert Camus, publicado em 1942, que conta a história de um francês que vive na Argélia e parece indiferente à vida, às convenções sociais e à morte. Após matar um árabe sem motivo aparente, é julgado e condenado, e seu julgamento vai questionar tanto o crime como a sua natureza.

O Apego

O filme conta a história de uma mulher independente e sem vínculos que acaba compartilhando da intimidade do vizinho. O fato irá mudar sua vida.

Mercato, os donos da bola

O thriller mergulha nos bastidores do futebol para contar detalhes sobre a indústria, que fatura valores milionários.

Operação Maldoror

O filme de suspense traz a história do desaparecimento de duas jovens na Bélgica, que abala a população e desencadeia um frenesi midiático sem precedentes.

Vizinhos Bárbaros

A comédia conta como a vida tranquila dos moradores de uma cidade é abalada após um gesto de solidariedade: a chegada de refugiados.

Uma Jornada de Bicicleta

Na narrativa, dois amigos re-fazem o percurso de bicicleta do Atlântico ao Mar Negro, onde o filho de um deles desapareceu tragicamente.

Fora de Controle

O longa explora temas universais como o amor, o ciúme e as consequências das escolhas, mergulhando na vida de um casal em crise após 15 anos de casamento. O ressurgimento de um grande amor da juventude de um dos personagens desencadeia uma série de eventos que possibilita a entrada de uma pessoa perigosa na vida do casal.

Era Uma Vez Minha Mãe

A comédia dramática, adaptada do romance autobiográfico de Roland Perez, acompanha a trajetória do jovem Roland, que nasce com pé torto e não consegue andar. Contra a opinião de todos, sua mãe Esther lhe promete uma vida normal e maravilhosa, e luta a vida inteira para cumprir essa promessa.

Maya, Me Dê Um Título

O filme conta a história de pai e filha que vivem em dois países diferentes. Para manter o vínculo com a menina, o pai pede que ela lhe conte uma história todas as noites

Sonho, Logo Existo

De gerações diferentes, dois homens se veem unidos pela amizade, pelo amor a natureza e por um grande afeto por um urso que escapou de um circo.

La Pampa

O drama mostra dois adolescentes inseparáveis. Quando o segredo de um deles é descoberto, a família dos dois amigos se despedaça.

Os Bastidores do amor

Há anos, Henri e Nora compartilham tudo: eles se amam e ela dirige as peças em que ele atua. Quando Henri consegue, pela primeira vez, um papel no cinema, a criação de seu novo espetáculo desmorona e o casal se destrói.

Mãos à obra

Um fotógrafo de sucesso abandona tudo para se dedicar à escrita e descobre a pobreza.

A Mulher mais rica do mundo

A mulher mais rica do mundo, um fotógrafo ambicioso e o amor à primeira vista que os arrebatam. Uma herdeira desconfiada que luta para ser amada e um mordomo vigilante que sabe mais do que revela. Uma guerra onde todos os golpes são permitidos.



“Era Uma Vez Minha Mãe” faz parte da grade

Voz de Aluguel

Baptiste, um talentoso imitador, não consegue viver da sua arte. Um dia, ele é abordado por um romancista perturbado. Precisando de silêncio para escrever, o romancista propõe a Baptiste que se torne seu “atendedor de chamadas”.

O Segredo da Chef

Quando Cécile está prestes a abrir seu restaurante, ela precisa voltar para a aldeia onde cresceu após o infarto de seu pai. Longe de Paris, ela reencontra seu amor de juventude.

Fanon

O longa se baseia na história real de Frantz Fanon: o pensador que ousou enfrentar o sistema colonial francês. Em plena Guerra da Argélia, sua trajetória redefiniu não só a psiquiatria e a luta anticolonial, mas a própria ideia de liberdade.

A Cabra

A filha do grande CEO Bens é sequestrada enquanto está de férias no México. Para encontrá-la, seu pai contrata o detetive particular Campana e o associa a um trapalhão incorrigível na esperança de que isso o aproxime de sua filha.

A cor e a poesia dos rios

Coletivo Sala Preta promove novo espetáculo teatral neste fim de semana

Luisa Ritter

Por Lanna Silveira

O coletivo teatral Sala Preta, que atua em Barra Mansa, apresentará o espetáculo “Qual a cor do Rio?” neste fim de semana, dias 28 e 29 de novembro. As sessões gratuitas acontecerão na Sala de Espetáculos Lurdinha Chiesse (Tulhas), no Parque da Cidade.

O espetáculo, dirigido por Bianco Marques com assistência de Carol Cupertino, foi elaborado durante todo o ano de 2025 em um processo de criação colaborativa entre os alunos do curso Sala Preta. A pesquisa realizada

pelo coletivo investigou todas as implicações sociais e políticas que existem na relação do ser humano com os rios, passando por aspectos como a vivência das populações ribeirinhas e todas as crenças formadas acerca desses corpos d’água.

Todo o material artístico construído pelo grupo ao longo do ano - como relatos, poesias e improvisos - serão consolidadas em “Qual é a cor do Rio?”, cuja narrativa apresentará um conjunto de lendas, histórias e fatos sobre o Rio Paraíba do Sul. Os atores em cena personificarão a expressividade e o fluxo do rio de

maneira poética, por meio de falas e, especialmente, pela linguagem corporal.

Sinopse

O rio Paraíba do Sul percorre a região sudeste e abastece cerca de 13 milhões de pessoas. Seu nome, em Tupi, significa “rio ruim, difícil de navegar”. Os Puris o chamam “Banani, rio sinuoso”. Nós olhamos para esse rio sobrevivente que corta nossas cidades e cruza nossas rotinas. Buscamos descobrir mais sobre suas cores, histórias, temas e canções.



Coletivo explora a autonomia dos atores em cena

ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

Bruni Romão



Noite hardcore

Os coletivos Rolezaço, R.U.A. Crew e Sangue Podre promoverão uma apresentação da banda Pense neste domingo (30), às 18h, no Auê Clube, em Volta Redonda. Essa será a primeira apresentação da banda, que é referência na cena hardcore nacional, na cidade. A noite também contará com a participação de bandas regionais, como Rottenblot (thrashcore e crossover); Ogna (metalcore); e Minissaia (punk). Os ingressos já estão a venda pelo Sympa.

Letícia Helena



Drag Lanche

Volta Redonda receberá a primeira edição do evento Drag Lanche neste sábado (29), a partir das 17h, no Centro Cultural Fundação CSN. O evento é inspirado em formatos internacionais como o “Drag Brunch”, que une a celebração da arte drag a atividades culinárias que acolhem e unem o público presente. A noite pretende celebrar a diversidade, fortalecer a cena drag local e apresentar ao público a potência criativa de artistas regionais ligadas à cena.

Reprodução - Redes Sociais



Festa de arte

O coletivo Ocupação CORRE! promoverá o evento “Loft Party” neste sábado (29), das 14h às 20h, em Volta Redonda. A programação, que celebra múltiplas expressões artísticas, contará com uma oficina de colagem; uma feira/exposição visual; e discotecagem dos DJs Carola, Bea, Genestra e Harajuice, além do lançamento do álbum “Hard-groove di Cria”, do DJ Jaca Beats. Mais informações sobre o evento estão no perfil @cooperativamusicalcorre.

Reprodução



Noite de samba

A cantora paulistana Fabiana Cozza se apresentará no Sesc Barra Mansa nessa sexta-feira (28), às 19h30, com um repertório completamente voltado para seu nono álbum de estúdio, Urucungo. O disco é integralmente dedicado à obra do sambista Nei Lopes, apresentando 12 músicas inéditas de seu catálogo. O show de Fabiana será uma celebração, uma ode à negritude, ao samba, à cultura afro-brasileira e aos ensinamentos de Nei Lopes. Os ingressos já estão a venda na bilheteria do Sesc BM.

Conheça o álbum de estreia de Maui, 'Melodia&Barulho'



PÁGINAS 7 E 8

#cm

2

FIM DE SEMANA



Confira as atrações do fim de semana na região Sul Fluminense

PÁGINAS 9 E 16



A viola, o violeiro e o amor se tocam

Show da turnê 'Pai e Filho', que reúne pela primeira os virtuosos Almir e Gabriel Sater, chega ao Rio

Por **AFFONSO NUNES** | Tocando juntos na novela “Pantanal” (TV Globo) eles garantiram o cáculo de maior audiência do folhetim. Agora, Almir Sater e seu filho Gabriel dividem o palco na turnê “Pai e Filho”, que chega nesta sexta-feira (28), às 21h30, ao Qualistage. No próximo ano ano a urnê chega aos Estados Unidos com apresentações em Boston e no icônico Carnegie Hall de Nova York, uma das casas de espetáculo mais prestigiadas do mundo. “Nós nunca pensamos fazer uma turnê juntos”, admite Almir, que agora encara o projeto como continuidade natural de uma história construída com dedicação, talento e amor. O encontro da cordas desses dois violeiros fantásticos faz emergir o que existe de mais belo da música caipira, da poética do homem do campo, do Brasil profundo que os dois defendem com orgulho e talento. **Continua na página seguinte**

Divulgação